Sobre a nova lei dos estrangeiros

Ives Gandra da Silva Martins

O país passa por especial período de contradição. Os períodos de contradição, na história, são conhecidos, na medida em que as intenções diferem dos atos praticados e os erros nascem das mãos dos bons. O período de contradição é difícil de ser superado, porque não joga, como nos grandes confrontos, os bons contra os maus, os justos contra os injustos, transformando o dilema da continuação em claro divisor de águas. Neste, todos, bons e maus, encontram-se perplexos, buscando alternativas que se mesclam, se confundem e se inviabilizam, fazendo que as falhas se acumulem, na medida em que os homens se tornam impotentes.

O Governo brasileiro vive o drama próprio de tal período, onde os bons aceleram as falhas de diagnóstico e de terapêutica de saúde nacional, provocando a insegurança e gerando soluções casuísticas, incapazes de permanência no tempo.

O Ministro Delfim Neto, a título exemplificativo, por quem nutrimos particular apreço intelectual, já manifestado em inúmeros trabalhos, garantiu que Rischbieter estava errado sobre os prognósticos de 1980 e por esta razão aquele ministro caiu. Rischbieter estava certo e Delfim Neto errado. O Presidente Figueiredo afirma querer a abertura e por ela lutar, mas a lei de execução fiscal, as leis aprovadas por decurso de prazo, o sistema constitucional pátrio que toda a força dá ao Executivo, inclusive na indicação de Ministros e Desembargadores para o Poder Judiciário, aí estão para dificultar a compreensão do especial momento porque vive o país.

Não obstante o Ministro Delfim Neto e o Presidente Figueiredo afirmarem que o Estado é um mau empresário, apenas as companhias estatais federais gastarão em 1981 seis trilhões de cruzeiros, ou seja, quase 100 bilhões de dólares, vale dizer aproximadamente o PNB da Argentina em 1979!!!

A lei dos estrangeiros é outra prova deste surpreendente período. Não obstante criticada pelo próprio Executivo, depois do projeto enviado ao Congresso, foi aprovada, sem emendas, transformando-se em uma das mais malfadadas normas das muitas que, ultimamente, explodem no cenário nacional, numa evidente regressão jurídica do país.

A legítima preocupação do Governo, em preservar empregos para os nacionais, resultou em diploma legal, mal preparado, mal examinado, mal redigido, em que as injustiças e o prejuízo ao país superam, de

muito, a boa intenção do Executivo. De projeto, que visava equacionar alguns problemas próprios do século, em que vivemos, e do especial momento do panorama econômico internacional, metamorfoseou-se em uma das mais severas, agudas e injustas legislações, de que se tem conhecimento. O país, que cresceu com o dedicado esforço da imigração estrangeira, se transformou repentinamente, no seu severo algoz, atingindo exatamente aqueles que o ajudaram a crescer e outros que estão dispostos a dar idêntica colaboração.

O momento é de contradições e a lei dos estrangeiros é inequívoca demonstração do instante presente.

A esperança, todavia, nos delicados períodos desses conflitos, é de que os homens, que os provocam, por não serem maus, possam pesar, aclarar as idéias e definir objetivos coerentes com as suas próprias intenções, única forma de superarem as contradições. Até porque, se não o fizerem, a história não tem perdoado os vácuos gerados pelas incertezas e quase estes vácuos são ocupados, com maior rapidez, do que os semeadores das contradições poderiam imaginar. Oxalá se compenetrem, a tempo, que o exemplo é o melhor pregador e que os atos e as idéias, em política coerente, têm que andar sempre como corpo e a alma, juntos, pois caso contrário se desintegram.

Ives Gandra da Silva Martins é vice-Presidente do Instituto dos Advogados de S. Paulo e Conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil.

O que não se sabe não existe

J. Rodrigues Matias

O Brasil importava todo o estanho que consumia. De repente, surgiu no mercado mundial como exportador das sobras do consumo nacional. Fui esgaravatar as estatísticas. A Rondônia era a responsável pelo acontecimento. Suas minas de cassiterita funcionaram como minas de ouro para o país.

Peguei avião e fui a Porto Velho. Peguei teco-teco e andei pela selva, visitando as minas. Falei com velhos garimpeiros, que descobriram catas nos igarapés e trocaram sacos de cassiterita por noite de amor com francesa profissional nas cantinas dos garimpos. Escutei aventuras fantásticas de caboclos que entraram na selva como pobres-diabos e regressaram milionários, para depois apodrecerem no Rio e em S. Paulo, rodeados de fotografias desbotadas e sem dinheiro para poderem almoçar.

De volta, pesquisei em S. Paulo, no Rio de Janeiro, em Brasília, seguindo os passos dos pioneiros do milagre do estanho. Acabei aprendendo que a idéia da independência do Brasil em estanho nasceu de um engenheiro português, que veio de Lisboa para implantar a fundição de Volta Redonda. Em S. Paulo e em S.

que estranho fenômeno Portugal está enterrando a cabeça na areia, para não mostrar à nossa juventude o

Po

PARA não fugir à saga tugueses, decorridos minha existência já tinha vivido e também por se como Fernão Mendes Pi vi, li e escutei ficou a d sempre português aqui e al o que se possa ou se deseje da nossa presença no Mu

E ainda mais orgulhos nas veias o velho sangue muitas vezes foram, me fo os rastos da nossa passage nhos lugares da Terra e co outros povos que hoje, me críticas, aparecem como def Terceiro-Mundo, esquecen até o que não fizeram dur

O que deixaram os ingl holandeses, os belgas e últimos mais fugazmente – pelo Globo Terrestre? Qua nas que estabeleceram co meteram ao seu domínio com as estabelecidas pelos das dos próprios "coloniz perderam no tempo as eu e as razões ideológicas q exaltação dos defeitos e a virtudes?

Há no entanto um luga me doi muito mais ouvir atingem o meu ser por Brasil, aparece tanta gente impressionante de um Eu tando que a colonização tivesse sido levada a cab englobados na designação

EXCURS
GARANTA
NÃO DEIXE
SAIDA
NO MÊ
QUEM
PREÇO POR
ROY
E